



POR QUE NÃO SOMOS CATÓLICOS ROMANOS?



Organizado pelo Instituto Reformado Santo Evangelho – **IRSE**

POR QUE NÃO SOMOS **CATÓLICOS ROMANOS?**

Por Plínio Sousa

“Entendemos por autoridade divina das Sagradas Escrituras a qualidade peculiar de toda a Bíblia segundo a qual, como Palavra verdadeira de Deus que é, requer, de todos os seres humanos, fé e obediência e persiste como única fonte e norma de fé e vida. O mesmo nosso Salvador reconheceu e proclamou a autoridade divina da Bíblia, citando-a como único padrão da verdade em todos os casos de controvérsia”.

Apoio da Editora Reformada Santo Evangelho – **ERSE**

2023

Índice

Introdução.....	1
1 – Autoridade da Escritura Canônica.....	2
2 – Imagens na Adoração e a Iconoclastia ou Iconoclasmo – “quebrador de imagem” ou melhor, “quebrador de ídolos”.....	13
3 – Adoração à Maria e a Imaculada Conceição.....	16
4 – Hiperdulia – Culto à Maria.....	18
[1] – Maria é posta num lugar que pertence somente a Cristo.	18
[2] – Maria é glorificada acima de Cristo.....	19
[3] – Maria é o portão para o céu, ao invés de Cristo.	19
[4] – A Maria é dado o poder de Cristo.	20
[5] – Maria é a pacificadora ao invés de Jesus Cristo nossa paz.	21
[6] – A Maria é dada a glória que pertence só a Cristo.	22
5 – O Apóstolo Pedro foi o primeiro Papa?	22
6 – O Apóstolo Paulo não creu que Pedro era o chefe.	25
7 – O papa é Infalível?	27
[1] – Vejamos algumas das dezenas de contradições dessa doutrina da Infalibilidade Papal.	27
8 – Rejeitamos outras doutrinas romanas.	29
Considerações finais.	31
Apêndice – Teses Elênticas Sobre a Sagrada Escritura.	33

POR QUE NÃO SOMOS **CATÓLICOS ROMANOS?**

“Eu me opus às indulgências e aos papistas, mas nunca pela força. Eu simplesmente ensinei, preguei, escrevi e traduzi a palavra de Deus; fora isso, não fiz mais nada. E enquanto eu dormia ou bebia a cerveja de Wittenberg com meus amigos Phillip e Amsdorf, a Palavra enfraqueceu o papado de tal forma que nunca um príncipe ou imperador lhe infligiu tamanho dano. Eu não fiz nada; a Palavra fez tudo, pois é o Todo-poderoso que cativa os corações e se os corações forem capturados, a má obra cairá por si mesma” (Martinho Lutero).

Introdução.

A Igreja de Roma ensina que é a **“única Igreja verdadeira [...] governada pelo sucessor de Pedro (Romano Pontífice) e pelos Bispos em comunhão com ele”**.

O CIC define que esse entendimento fundamenta-se nos sete sacramentos que são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo difunde a graça de Jesus Cristo, que é a Cabeça da Igreja – seu Corpo, portanto, a Igreja de Roma contém e comunica a graça invisível que ela mesma significa e, por essa razão, a Igreja de Roma é em sentido analógico chamada de **“o sacramento universal da salvação para a raça humana”** e se comporta como sendo **“a única religião verdadeira”**, chegando a expressar-se em seu Catecismo como a **“A Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica”**.

Existem dois tipos de religião no mundo: – religiões da imaginação (criadas por homens ou por Satanás) e a religião da

¹ Artigo 9 – “Creio na Santa Igreja Católica”, Parágrafo 3 – “A Igreja é Una, Santa, Católica e Apostólica” – 870, II Concílio do Vaticano, Const. dogm. Lumen Gentium, 8: AAS 57(1965)11 – 12.

revelação (que Deus por sua graça deu ao homem na Escritura Sagrada).

O propósito deste estudo é examinar algumas importantes doutrinas da Igreja de Roma à luz da Escritura Canônica e determinar se essas doutrinas estão em harmonia ou contradizem o claro ensino da palavra de Deus.

1 – Autoridade da Escritura Canônica.

Uma vez que os papistas, vendo que seus dogmas não apenas carecem de fundamento nas Escrituras Sagradas, mas também são claramente comprovados como falsos por elas, trabalham acima de tudo para elevar a autoridade e a perfeição de seus dogmas a fim de confirmar suas próprias ficções, é justo que nós, que lutamos sob a bandeira de Cristo para a derrubada do reino do Anticristo e o estabelecimento do reino de Cristo, nos esforcemos para afirmar e vindicar essa palavra de Deus contra seus erros².

A Igreja de Roma ensina que a Escritura Canônica e a Tradição, como interpretada pela Igreja, são o fundamento final da autoridade em religião³.

Contudo, Jesus Cristo condenou veementemente a Tradição como regra de autoridade religiosa e exaltou a palavra de Deus: – **“Depois perguntaram-lhe os fariseus e os escribas: – ‘Por que não andam os teus discípulos conforme a tradição dos antigos [...]’. E Ele [Jesus], respondendo, disse-lhes: – ‘[...] Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração**

² Franciscus Junius, o Velho (1545 – 1602), “Elenctic Theses on Holy Scripture”.

³ O ensino católico romano sobre a autoridade pode ser visto nos seguintes documentos. O Concílio de Trento (4th sess., 1546) declarou: – “Vemos claramente que esta verdade e disciplina estão contidas nos livros escritos, e na tradição não escrita” (Cf. O Dogmático Decreto do Concílio Vaticano [3rd sess., 1870], cap. 2, par. 3; o Credo do Papa Pio IV).

está longe de mim; em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens. Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição” (Marcos 7:5 – 13).

A Escritura Canônica nos ensina que não necessitamos de tradição extrabíblica para validarmos nossas regras de fé, porque a Escritura é tudo o que nós precisamos – **“a Escritura tem absoluta primazia, sendo ela a única regra de fé e prática que todo ser humano deve seguir (sola Scriptura)”**; ela sozinha pode tornar um cristão **“totalmente capaz”**.

Como escreveu o Apóstolo Paulo: – **“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”** (2 Timóteo 3:16, 17).

“Um simples camponês armado com as Escrituras tem mais autoridade do que os concílios da Igreja ou o papa sem as Escrituras para apoiá-los” (Lutero).

A História demonstrou que a Tradição é incerta como um guia para a doutrina cristã, como o teólogo e escritor americano, Loraine Boettner (1901 – 1990), competentemente demonstrou: – **“Além disso, que o corpo da Tradição não é de origem divina nem apostólica é provado pelo fato de que algumas tradições contradizem outras. Os Pais da Igreja repetidamente se contradiziam. Quando um sacerdote católico-romano é ordenado ele jura solenemente interpretar as Escrituras somente de acordo com ‘o consenso unânime dos Pais’. Mas tal ‘consenso unânime’ é meramente um mito. O fato é que eles concordam muito pouco em qualquer doutrina. Eles contradizem uns aos**

outros e contradizem até a si mesmos quando mudam de opinião e afirmam aquilo que antes condenavam. Agostinho, o maior dos Pais, no final de sua vida escreveu um livro especial no qual registrou suas 'Reconsiderações'⁴ – 'As Retratações' (Retractationes). Alguns dos Pais do segundo século sustentaram que Cristo retornaria brevemente e que Ele reinaria pessoalmente em Israel por mil anos. Mas dois dos mais bem conhecidos estudiosos da Igreja primitiva, Orígenes (185 – 254 d.C.) e Agostinho (354 – 430 d.C.) escreveram contra tal visão. Os Pais primitivos condenaram o uso de imagens na adoração, enquanto mais tarde aprovaram tal uso. A Igreja primitiva quase unanimemente defendeu a leitura e o livre uso das Escrituras, enquanto posteriormente restringiu sua leitura e uso. Gregório o Grande, bispo de Roma e o maior dos bispos primitivos, denunciou o uso do título de 'Bispo Universal' como anticristão. Mas posteriormente, e até o presente, os papas têm sido muito insistentes em usar títulos similares que afirmam autoridade universal. Onde, então, a Tradição

⁴ Por exemplo, Agostinho escreveu em suas "Retratações", correções exegéticas ou declarações de seus escritos primitivos, os quais ele mesmo diz serem errôneos. Uma destas tem a ver com a interpretação da "pedra" em Mateus 16. No começo de seu ministério Agostinho escreveu que a pedra era Pedro. No entanto, muito cedo ele mudou mais tarde sua posição e durante o restante de seu ministério ele adotou a visão de que "a pedra não era Pedro, mas Cristo" ou "a confissão de Pedro que apontava para a Pessoa de Cristo". O que se segue são declarações de suas "Retratações" que se referem a sua interpretação da pedra de Mateus 16: – "Numa passagem neste livro, eu disse sobre o Apóstolo Pedro: – 'Sobre ele, como uma pedra, a Igreja foi construída' [...] Mas eu sei que mui frequentemente em um tempo atrás, eu expliquei que o Senhor disse: – 'Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja', que é para ser entendido como construída sobre Ele, a quem Pedro confessou dizendo: – 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo', e assim Pedro, chamado depois esta pedra, representou a pessoa da Igreja que é construída sobre esta pedra, e recebeu 'as chaves do reino do céu'. Porque, 'Tu és Pedro' e não 'Tu és a pedra' foi dito a ele. Mas 'a pedra era Cristo', em quem confessando, como também toda a Igreja confessa, Simão foi chamado Pedro. Mas que o leitor decida qual dessas duas opiniões é a mais provável" (The Fathers of the Church, Washington D.C., Catholic University, 1968, Saint Augustine, The Retractations, Capítulo 20.1). Como escreveu o teólogo William Webster (1689 – 1758): – "Claramente Agostinho está repudiando uma posição sustentada previamente, adotando a visão que 'a pedra era Cristo e não Pedro'. Esta se torna sua consistente posição. Ele deixa a interpretação aberta para os leitores decidirem qual era a mais provável interpretação, mas é claro que ele tinha concluído qual deveria ser a interpretação e que ele cria que a visão que a pedra é Cristo é a única correta". Para ler o testemunho de Tertuliano, Orígenes, Cipriano, Eusébio, Ambrósio, João Crisóstomo e outros, sobre a interpretação de Mateus 16:18, acesse: https://www.the-highway.com/Matt16.18_Webster.html

Universal e o consenso unânime dos Pais são a doutrina papal?⁵”. “A Infallibilidade Pontifícia (ou Papal) é hoje o fundamento do ‘Catolicismo Ultramontano⁶’, poderíamos afirmar ser a sua arma de guerra, o eixo da sua propaganda de autoridade. Entre o primitivo catolicismo e o catolicismo farisaico de agora, essa teoria escavou um abismo. Mas a seita de Roma que triunfou no Concílio Vaticano, compreendendo o prestígio da tradição no espírito dos homens, e controlada por essa divisa de inalterável e permanente, que a ortodoxia romana reivindica por apanágio (propriedade) seu, põe hoje o tom em provar, malgrado esta escandalosa deturpação da proposição cristã, que a Igreja atual de Roma é ainda a Igreja dos primeiros tempos (semper eadem⁷)⁸”.

O papa, escreve um prelado inglês, **“exerceu sempre essa infalibilidade, e toda a gente sabe que a realidade é esta⁹”**. O que a História diz, porém, é que a realidade é diametralmente oposta: — **“Os que buscam vincular a Pedro a soberania do papa começam esquecendo a primeira manifestação coletiva da Igreja cristã, o Concílio de Jerusalém, tipo necessário de todos os outros, no qual a preponderância na definição do ponto controvertido coube, não ao apelidado ‘príncipe dos apóstolos’, mas a Tiago, bispo da cidade, irmão do Senhor. [...] Nem é esse unicamente o lance, em que os**

⁵ Loraine Boettner, Roman Catholicism, Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1962, p. 78 – 79.

⁶ Do latim “ultramontanus” — uma referência aos alpes [conjunto de montes] que separam a Itália do resto da Europa; quem está na França, Alemanha ou Espanha, e olha para a Itália, a Itália se encontra do outro lado dos montes. O termo designa, no catolicismo, especialmente francês, os fiéis que atribuem ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem. O Ultramontanismo defende, portanto, o pleno poder papal. Na Idade Média, o termo era utilizado quando se elegia um papa não italiano (“além dos montes”).

⁷ “Sempre a mesma”.

⁸ Janus. “A Questão Religiosa — O Papa e o Concílio”, versão e introdução de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1877, p. 33.

⁹ Janus. “A Questão Religiosa — O Papa e o Concílio”, versão e introdução de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1877, p. 33 — O bispo ULLATHORNE. The Doellingerites, 1874, London, p. 14.

livros santos depõem contra a pretensão da infalibilidade personificada em Pedro. As epístolas de Paulo testemunham que esse principado nunca teve realidade entre os primeiros seguidores do Cristo, e que a fé do Apóstolo dos judeus não era menos frágil que a dos outros pregadores da boa nova¹⁰. Essa primeira decisão conciliar da cristandade transmitiu-se às Igrejas da Síria, Antioquia e Cilícia em nome dos ‘apóstolos, anciãos e irmãos’ (apostoli, seniores, fratres), sem que a individualidade particular de Pedro fosse ao menos mencionada ali¹¹”.

Em suas notas sobre o Livro do Apocalipse (a respeito do capítulo 13), Wesley comentou: — **“Toda a sucessão de papas a partir de Gregório VII são, sem dúvida, anticristos,**

¹⁰ Os que forcejam (batalham) por exaltar esse discípulo de Jesus acima dos demais, careciam cancelar primeiramente da Bíblia as epístolas do “Apóstolo dos Gentios” — “[...] nada fui inferior aos mais excelentes Apóstolos” (2 Coríntios 11:5), dizia ele: — “porque, conquanto sou rude na palavra, não o sou contudo na ciência” (2 Coríntios 11:6 — “Imperitus sermone, sed non scientia”). “São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais” (2 Coríntios 11:23 — “Ministri Christi sunt; plus ego” [Id. 23]). “Nihil enim minus fui ab iis qui sunt supra modum apostoli” (II ad Corinth, XII, 11). E, se em nada estava abaixo dos mais excelentes Apóstolos, se em sabedoria tinha-se por tão ilustre quanto os mais sábios, não é de Pedro que lhe viera essa excelência e ciência na fé, como seria de mister para que prevalecesse a opinião dos que adjudicam (atribuem) ao papa, como sucessor de Pedro — ‘o depositum fidei’. “[O Evangelho] não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo” (Gálatas 1:12). “Neque enim ego ab homine accepi illud, sed per revelationem Jesu-Christi” (Ad. Galat., I, 11). E também ad Ephes., III, 3. O apostolado, encetou-o ele antes de visitar Jerusalém, e avistar-se com os Apóstolos. “Neque venim Ierosolymam ad antecessores meos apostolos” (Ad. Galat., I, 17). Verdade é que mais tarde ali, veio ter, e achou-se com Cefas [Pedro] quinze dias; mas isso foi muitos anos depois, tendo já, pregado na Arábia e em Damasco (Ibid., 17, 18). Mais expressiva é ainda a História da sua segunda visita à Cidade Santa. Nessa ocasião não diz Paulo que Pedro lhe tivesse transmitido a graça, mas sim que este, com Thiago e João, reconheceram-na já existente nele. “Et cum cognovissent gratiam, quae data est mihi, Jacobus, et Cephas, et Joannes, qui videbantur columnae esse, dexteras dederunt mihi” (Ad. Galat, II, 9). Deram-lhe as mãos em sinal de companhia, de irmandade (societatis). Que distância entre isso, entre essa fraterna associação de serviços, estabelecida sob um símbolo de igualdade, e a paternidade espiritual que arroga a si o pretense Vigário de Cristo sobre o episcopado inteiro! Paulo tanto a não reconhecia, que resistiu a Pedro face a face — “In faciem ei restiti” (Ibid., 11). Porque? Porque o achou repreensível — “Quia reprehensibilis erat” (Ibid., 11). Viu que infringiam a verdade evangélica, e a Pedro exprobrou (repreendeu), em público, deste modo: — “Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? — “Sed cum vidissem quod non recte ambularent ad veritatem Evangelii, dixi Cephae coram omnibus: — Si tu, cum Judaeus sis, gentiliter vivis, et non judaice: — quomodo gentes cogis judaizare?” (Ibid., 14). Substituam Cefas [Pedro] por Pio IX; troquem Paulo por um bispo moderno; ponham-lhe depois na boca esse desabrimento (aspereza); e digam afinal, a que fica reduzida a infalibilidade individual do papa.

¹¹ Janus. “O Papa e o Concílio”, versão e introdução de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1877, p. 33 - 34.

acrescentando aos seus predecessores um grau peculiar de maldade do abismo¹²”.

No Catolicismo Romano, o episcopado se desenvolveu em um sistema papal, com o bispo de Roma tendo autoridade superior aos outros. Desde que o ponto de gravidade mudou da comunidade eclesial para a pessoa do bispo, o prestígio e a eminência da Igreja romana e de seu bispo fizeram o papado parecer um resultado natural. Portanto, **“a origem do papado é uma corrupção da própria Escritura, que diz ser ‘a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade’ (1 Timóteo 3:15), não o Magistério da Igreja Católica¹³”.**

Em suas Teses Elênticas (8 – 10), Franciscus Junius, o Velho, expõe o que quer dizer “a Igreja do Deus vivo, [é] a coluna e firmeza da verdade”: – **“Tese 8 – A Igreja é chamada de ‘coluna (στῦλος) da verdade’ (1 Timóteo 3:15¹⁴), ou seja, porque a Igreja é como uma coluna na qual Deus desejou pendurar sua vontade (como as leis eram penduradas em colunas públicas), para que essa verdade salvadora pudesse ser exposta e conhecida por um grande número de pessoas. Tese 9 – Ela, a Igreja, também é chamada de ‘fundamento’ (ἑδραῖωμα¹⁵), isto é, uma sede firme da verdade, porque na Igreja, à semelhança de um trono ou de uma base, ela se assenta, é preservada e protegida das corrupções humanas. Essa é a verdade de Deus. Mas isso não contraria nossa opinião, pois não é a autoridade da Igreja, mas sua função e ministério adequados que são recomendados aqui. Tese 10 – De fato, o Apóstolo afirma que a Igreja é construída sobre o**

¹² Section 3 – Our Doctrinal Standards and General Rules.

¹³ O Magistério da Igreja Católica (em latim: Magisterium) é a sede de ensino – no sentido de função e autoridade, não no sentido de um escritório propriamente dito – da Igreja, que consiste no papa e nos bispos em união com ele.

¹⁴ “Mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (ACF).

¹⁵ “Hedraíōma” – a base, que em última análise sustenta o próprio fundamento (usado apenas em 1 Timóteo 3:15).

fundamento, isto é, sobre a doutrina dos Profetas e Apóstolos, sendo o próprio Cristo a pedra angular (Efésios 2:20). E João Crisóstomo¹⁶ (c. 347 – 407 d.C.) não hesitou em dizer que a própria verdade é a coluna e o firmamento da Igreja¹⁷.

“O encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus, escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em Nome de Jesus Cristo, isto é, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma” (CIC 85). Que erro!

A Escritura Canônica enfaticamente condena o uso da Tradição como uma fonte de autoridade, porque sempre que a Tradição é deixada ao lado da Escritura, ela eventualmente é posta sobre a Escritura, e é então usada para interpretar a própria Escritura. Daí, apelamos com verdade e luz divina para o princípio do **“sola Scriptura¹⁸”**.

Embora Paulo algumas vezes descreva o Evangelho de Jesus Cristo como uma “tradição” que pode ser recebida, **“ele não emprega o termo ‘tradição’ para costume humano ou opinião histórica, mas para a ‘entrega’ de uma mensagem divina da parte de Deus”** (Colossenses 2:6, 7; 1 Coríntios 11:2; 2 Tessalonicenses 3:6). **“Tradição apostólica tem o status da**

¹⁶ “Saberás como proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo: – coluna e sustentáculo da verdade”. Não como o templo judaico. Contém a fé e a pregação, pois a verdade é coluna e sustentáculo da Igreja (Comentário às Cartas de São Paulo, Parte 3, Homília 11, Homílias sobre 1 Timóteo, p. 44).

¹⁷ Franciscus Junius, o Velho (1545 – 1602) – “Teses Elênticas Sobre a Sagrada Escritura” – <https://santoevangelho.com.br/teses-elenticas-sobre-a-sagrada-escritura-2/> – Acessado em 2023.

¹⁸ Devido somente a Escritura Canônica possuir quatro propriedades, sendo elas: – [1] – A Autoridade Divina; [2] – A Eficácia Divina; [3] – A Divina Perfeição ou Suficiência; [4] – A Divina Clareza” (John Theodore Mueller. “Dogmática Cristã”, p. 131 – 147). Cada um desses atributos procede justamente da autoria divina das Escrituras Canônicas. O princípio do “sola Scriptura”, segundo o qual toda a Escritura tem absoluta primazia, sendo somente ela a única regra de fé e prática que todo ser humano deve se submeter, sumariza categoricamente tais propriedades.

revelação, pois nela o próprio Cristo exaltado fala através de seus representantes autorizados¹⁹”.

Isto é exatamente o que aconteceu com o Judaísmo nos dias de Cristo, e infelizmente o que aconteceu na Igreja de Roma: — **“a tradição e o ritual tornaram-se tão importantes que foi necessário manter a Escritura distante do povo. De fato, por séculos foi um pecado mortal possuir e ler a Escritura na língua nativa de alguém”.**

O Concílio de Valência (1229), o Concílio de Trento (1545) e o papa Clemente XI (1713), todos condenaram a leitura da Escritura pelo povo e em suas próprias línguas. Sacerdotes são rápidos em mostrar que o papa Leão XIII (1893) “desejou” que o povo lesse a Escritura. Mas a Escritura a que ele se referia era a Vulgata Latina que virtualmente ninguém, exceto os sacerdotes, poderiam entender! Em 1713, o papa Clemente XI publicou a **“Bula Unigenitus”**, que condenava as 101 teses do jansenismo do teólogo jansenista francês, Pasquier Quesnel (1634 - 1719). Uma das teses que foram condenadas nessa

¹⁹ Oscar Cullmann, “Tradition”, *The Early Church*, p. 59 - 99. Oscar Cullmann (1902 - 1999) foi um teólogo luterano. Ele é mais conhecido por seu trabalho no movimento ecumênico e foi parcialmente responsável pelo estabelecimento do diálogo entre as tradições luterana e católica romana. Por causa de seu intenso trabalho ecumênico, o teólogo suíço Karl Barth (amigo de Cullmann) costumava brincar na Basileia dizendo que na lápide de Cullmann teria a inscrição: — “Aqui jaz o conselheiro de três papas”. Cullmann foi recebido pelos papas Pio XII, João XXIII e, sobretudo, Paulo VI, sendo pessoalmente convidado a participar como observador do Concílio Vaticano II, na década de 1960.

bula²⁰, foram as teses 79 – 81, 83 – 86²¹; que dizem o seguinte: – “[a Bula condena] coisas como a de que a leitura da Sagrada Escritura é para todos, que é útil e necessário em todos os momentos, em todos os lugares e para todos os tipos de pessoas, estudar e conhecer o espírito, a piedade, e os mistérios da Sagrada Escritura, e que a sua sagrada obscuridade não é motivo para que os leigos se dispensem de lê-la, e que fazê-lo é prejudicial²²”.

A Enciclopédia Católica afirma: – **“A celebrada Constituição Apostólica de Clemente XI condenava 101 proposições de Pasquier Quesnel [...]. O papa, em fevereiro de 1712, nomeou uma congregação especial de cardeais e teólogos para rebater o trabalho de Quesnel. Tais proposições foram merecedoras de censura eclesiástica. A congregação levou dezoito meses para executar sua tarefa, cujo resultado foi a publicação da famosa ‘Bula Unigenitus Dei Filius’ em Roma, 8 de setembro de 1713. A bula começa com a advertência de Cristo contra os falsos profetas, especialmente como ‘secretamente espalhando más doutrinas sob o pretexto de piedade e introduzindo seitas terríveis sob a imagem de santidade’; em seguida, procede-se à condenação de 101**

²⁰ Uma “bula” era originalmente uma placa circular ou saliência de metal, assim chamada por sua semelhança na forma com uma bolha flutuando sobre a água (latim bullire, ferver). Com o passar do tempo o termo passou a ser aplicado aos selos de chumbo com os quais os documentos papais e reais eram autenticados no início da Idade Média, e por um desenvolvimento posterior, o nome, ao designar o selo, acabou sendo anexado ao próprio documento. Isso não aconteceu antes do século XIII e o nome “bula” era apenas um termo popular usado quase promiscuamente para todos os tipos de instrumentos emitidos pela chancelaria papal. Uma aceitação muito mais precisa prevaleceu desde o século XV, e uma bula sempre esteve em nítido contraste com certas outras formas de documentos papais. Para efeitos práticos, uma bula pode ser convenientemente definida como “uma carta apostólica com selo de chumbo”, à qual se pode acrescentar que no seu cabeçalho o papa invariavelmente leva o título de “episcopus, servus servorum Dei”.

²¹ As últimas trinta proposições (72 – 101) tratam da Igreja, da sua disciplina, e dos sacramentos: – a Igreja compreende apenas os justos e os eleitos; a leitura da Bíblia é obrigatória para todos; absolvição sacramental deve ser adiada até depois da satisfação; os pastores principais só podem exercer o poder de excomunhão da Igreja com o consentimento, pelo menos presumido, de todo o corpo da Igreja; a excomunhão injusta não exclui o excomungado da união com a Igreja.

²² “Unigenitus – Condemnation of the Errors of Paschasius”, Pope Clement XI (1713) – <https://www.papalencyclicals.net/Clem11/c11unige.htm> – Acessado em 2023.

proposições que são tomadas textualmente da última edição da obra de Quesnel²³”.

As proposições são condenadas respectivamente como **“falsas, capciosas, maliciosas, ofensivas aos ouvidos piedosos, escandalosas, perniciosas, precipitadas, prejudiciais à Igreja e às suas práticas, injuriosas à Igreja e ao Estado, sediciosas, ímpias, blasfemas, suspeitas e saboreadoras de heresia, favorecendo os hereges, a heresia e o cisma, errôneas, beirando a heresia, muitas vezes condenadas, heréticas, e revivendo diversas heresias, especialmente aquelas contidas nas famosas proposições de Jansênio (1585 – 1638)”**.

É impressionante a ojeriza e desagrado que o papa Clemente XI tinha à leitura da Escritura Canônica pelo povo de Deus. Ele tratava esta vocação como um verdadeiro escândalo diante da Igreja, um despautério e uma abominação diante da sua tirania papal, ou seja, **“uma coisa horrível e execrável de se praticar”**. Não temos nem mesmo conhecimento de ateístas neste mundo, dos mais fanáticos possíveis e anticristãos, que se aterrorizaram com a leitura da Escritura Canônica por membros da Igreja de Deus, quanto o papa Clemente XI.

O ensino da “Bula Unigenitus” pode ser considerado infalível, de acordo com os critérios da Infalibilidade Papal, pois foi uma Constituição Apostólica – **“um ensino da fé do papa para toda Igreja”** – e gozou da concordância de todos os Bispos dispersos da Igreja de Roma.

Felizmente, no século XXI a “Igreja imutável” mais uma vez mudou de idéia e permitiu aos leigos ter a Escritura em suas

²³ OTT, Michael. “Unigenitus”, The Catholic Encyclopedia, Vol. 15, New York, Robert Appleton Company, 1912 – <http://www.newadvent.org/cathen/15128a.htm> – Acessado em 2023.

próprias línguas nativas. Contudo, os papistas só permitiram a leitura das Escrituras aprovadas pela Igreja, que contenham explicações, por um teólogo autorizado, certamente, papista, dos textos “difíceis” ao fim de cada página. Este tipo de controle foi devido à publicação de um livro por Quesnel, porque em 1671, ele publicou um livro intitulado **“Abrégé de la morale de l’Evangile²⁴”**.

Continha os Quatro Evangelhos em francês, com breves notas explicativas do texto, servindo ao mesmo tempo como auxílio à meditação. Uma edição ampliada, contendo um texto anotado em francês do Novo Testamento, apareceu em três pequenos volumes em 1678, e uma edição posterior em quatro volumes apareceu sob o título **“Le nouveau testament en français avec dees réflexions morales sur chaqueverse, pour en rendre la palestra plus utile et la méditation plus aisée”** (Paris, 1693 – 1694).

Na verdade, o que os papistas sempre quiseram era aquilo que, “O Príncipe dos Tradutores”, William Tyndale²⁵ (1484 – 1536), já denunciava: – **“Eles dizem a vocês que as Escrituras não devem estar na língua materna, mas isso é somente porque eles desejam vender os olhos de vocês e levá-los ao cativeiro”**.

²⁴ “Abrégé de la morale de l’Evangile, ou Pensées chrétiennes sur le texte des quatre évangelistes” – <https://bit.ly/3GHFjDP> Acessado em 2023.

²⁵ William Tyndale foi um estudioso inglês, que se tornou uma figura de liderança na Reforma Protestante nos anos que antecederam sua execução. Ele é conhecido como tradutor da Bíblia para o inglês, influenciado pelas obras de Erasmo de Rotterdam e Martinho Lutero (Partridge, 1973, p. 38 – 39, 52 – 52). Um biógrafo, Brian Edwards, afirma que Tyndale não foi apenas “o coração da Reforma na Inglaterra”, ele “foi a Reforma na Inglaterra”. Por causa de seu poderoso uso da língua inglesa em sua Bíblia, esse Reformador foi chamado de “o pai do inglês moderno”. John Foxe chegou a chamá-lo de “Apóstolo da Inglaterra”. Não há dúvida de que, por seu trabalho monumental, Tyndale mudou o curso da História Inglesa e da Civilização Ocidental.

2 – Imagens na Adoração e a Iconoclastia ou Iconoclasmo – “quebrador de imagem” ou melhor, “quebrador de ídolos”.

Este é o ensino oficial da Igreja de Roma, decretado pelo Concílio de Trento (1563): – **“As imagens de Cristo e da Virgem Mãe de Deus, e de outros santos, devem estar e ser mantidas, especialmente nas Igrejas, e a devida honra e veneração lhes serão dadas²⁶”**.

Deus deu instruções claras para a adoração; se curvar ou ajoelhar a uma imagem esculpida e fazer uma imagem de escultura para a adoração é proibido: – **“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam”** (Êxodo 20:4, 5)²⁷.

Os papistas se ajoelham perante o papa e beijam seu anel e ajoelham-se diante da estátua de São Pedro em Roma e beijam o dedo do seu grande pé, embora o Apóstolo Pedro tenha proibido tal conduta: – **“E aconteceu que, entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo, e, prostrando-se a seus pés o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: – ‘Levanta-te, que eu também sou homem’”** (Atos 10:25, 26).

Da mesma forma que o Apóstolo Pedro recusou a adoração do centurião da coorte chamada italiana, Cornélio, um poderoso anjo nos céus também recusou a adoração do Apóstolo João:

²⁶ Concílio de Trento, 25th sess.

²⁷ Em hebraico “Você não deve se curvar” está no pretérito hithpael negativo; ele tem a força de um causativo/indireto reflexivo. Assim, curvar-se a uma estátua “como um incremento da adoração” faz com que alguém a adore e a sirva. As tentativas de liberar o “curvar-se” da adoração de hoje violam o ensino claro do texto hebraico.

– **“E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele disse-me: – ‘Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. Adora a Deus’”** (Apocalipse 19:10). Assim, a Escritura Canônica enfaticamente ensina que nós só podemos nos curvar ao único e verdadeiro Deus. Sacerdotes, teólogos, e estudiosos católico-romanos insistem que os santos, Maria, as estátuas e as “reliquias sagradas” não são cultuadas; eles substituem a palavra “culto” por **“honra”, “veneração” e “adoração”**. Embora, o influente teólogo da ala reformada do movimento evangélico britânico no século XX, David Martyn Lloyd-Jones (1899 – 1981), demonstrou, esta **“inteligente mágica semântica”** se desenvolvendo absolutamente na prática cotidiana da Igreja de Roma: – **“Ora, não há nada que seja tão condenado na Escritura como a idolatria. Nós não devemos fazer ‘imagens de escultura’. Mas a Igreja Católica Romana está repleta de imagens. Ela ensina seu povo a adorar imagens: – ‘eles adoram estatuas, formas e representações’. Se você já foi a qualquer destas grandes catedrais você já deve ter visto as pessoas fazendo isto. Vá à Catedral de São Pedro (em Roma) e você notará que há um tipo de monumento erigido do Apóstolo Pedro, e se você reparar num dos dedos do pé você perceberá que ele é liso e gasto. Mas por quê? Porque muitas pobres vítimas do ensino católico-romano foram beijar aquele pé; têm ali passado beijando seus artelhos! Elas se curvam com reverência e adoram imagens, estátuas e reliquias [ditas sagradas]. Eles reivindicam ter reliquias de certos santos, um pouco de osso, algo que ele usou, e põem isto em um lugar especial, e perante isto elas se curvam. Isso é nada mais que completa idolatria²⁸”**.

²⁸ Martyn Lloyd-Jones. “Roman Catholicism, London”, Evangelical Press, p. 6. Martin Lloyd-Jones concorda plenamente com J. C. Ryle, que afirmou: – “Sim, a idolatria é um dos mais clamorosos pecados dos quais a Igreja de Roma é culpada. Digo isso com pleno reconhecimento de nossas falhas como protestantes, inclusive não pouca idolatria em nossas fileiras. Mas quando falamos de

O papa Gregório III (eleito em 731 d.C.) condenou o uso de imagens na adoração.

O papa Constantino V (eleito em 740 d.C.), que governou a Igreja por quase sessenta anos, condenou como herético o uso de imagens de Jesus Cristo, porque somente a natureza humana de Cristo podia ser descrita.

Um Concílio da Igreja que ocorreu perto da Calcedônia, em 10 de fevereiro de 753 (e durou sete meses), condenou o uso de imagens na adoração como sendo **“idólatras e heréticas, uma tentação à fé que se originou no diabo”²⁹**.

Decide este Concílio: – **“Recusaram-se a endossar as suas heresias sobre a natureza de Cristo, a ‘Theotokos’ (Mãe de Deus), e o seu papel de intercessora pela humanidade, a prática da oração aos santos, a veneração devida às suas relíquias. De modo que o resumo final do Concílio não faz mais do que falar das imagens como idólatras e heréticas, uma tentação à fé que se originou no diabo. Ninguém poderá possuir ou venerar uma imagem, mesmo no segredo de sua casa”³⁰**.

idolatria formal, reconhecida e sistematizada, francamente devemos falar de catolicismo romano. Idolatria é ter imagens e retratos de “santos” nas Igrejas e reverenciá-los sem base nem precedente algum para isso nas Escrituras Sagradas. Portanto, afirmo que há idolatria na Igreja de Roma. Idolatria é invocar a virgem Maria e aos santos e dirigir-se a eles utilizando uma linguagem que nas Escrituras é reservada somente para a Santíssima Trindade. Portanto, afirmo que há idolatria na Igreja de Roma. Idolatria é inclinar-se diante de coisas materiais e atribuir a elas um poder e uma santidade muito superiores aos que eram atribuídos, por exemplo, à arca da aliança ou ao altar de sacrifícios do Antigo Testamento; e um poder e uma santidade completamente alheios à palavra de Deus. Portanto, afirmo que há idolatria na Igreja de Roma” (<http://www.projetoyle.com.br/idolatria/>).

²⁹ Philip E. Hughes, *The Church in Crisis: A History of the General Councils, 325 – 1870*, Garden City, N.J.: Image, 1964, p. 167.

³⁰ Philip E. Hughes. *The Church in Crisis: A History of the General Councils, 325 – 1870* – <https://www.ewtn.com/catholicism/library/church-in-crisis-a-history-of-the-general-councils-3251870-10320> – Acessado em 2023.

Aquele Concílio teve uma frequência de 338 bispos, tornando-se o maior Concílio daquele tempo. Onde estão agora a **“Infallibilidade Pontifícia”** e a **“Imutabilidade da Igreja”**? A Escritura Sagrada é clara: – **“idolatria é falsa adoração”**. Ou melhor dizendo: – **“Idolatria não é somente oferecermos um culto a um falso deus, é também oferecermos um culto falso ao verdadeiro Deus; o culto falso acontece quando minamos a autoridade da Escritura Canônica pela adição ou subtração, por nossa vontade; fazendo com que este culto seja em última instância ‘culto da vontade’ ou ‘sugestão do diabo’”**.

3 – Adoração à Maria e a Imaculada Conceição.

O ensino da Igreja de Roma é que Maria nasceu sem Pecado Original (essa doutrina é chamada de “Imaculada Conceição”)³¹.

Isto é bíblico? A Escritura Canônica ensina que somente Jesus Cristo, o segundo Adão, nasceu sem Pecado Original – **“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”** (Romanos 5:18). **“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”** (Hebreus 4:15).

Todas as pessoas deste mundo têm o “Pecado Original”: – **“[...] Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”** (Romanos 3:23). **“Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos**

³¹ A doutrina da Imaculada Conceição de Maria foi sancionada em um decreto pelo papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854.

pecaram" (Romanos 5:12). **"Porque assim como a morte veio por um homem [Adão] [...] todos morrem em Adão"** (1 Coríntios 15:21, 22). A Igreja de Roma também ensina que Maria nunca cometeu pecado real³². Isto é verdade? Não!

O Apóstolo João diz que qualquer que afirmar não ter pecado é mentiroso e engana-se: – **"Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós"** (1 João 1:8). Se Maria afirmasse não ter pecado, ela incorreria automaticamente em pecado. Mas Maria não fez tal coisa! O Apóstolo Paulo enfaticamente afirma que todas as pessoas são pecadoras: – **"pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado; como está escrito: – 'Não há um justo, nem um sequer'"** (Romanos 3:9, 10). Maria mesma foi quem admitiu sua necessidade de um Salvador: – **"Disse então Maria: – 'A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador'"** (Lucas 1:46, 47).

Logicamente, alguém **"sem pecado"** não tem a necessidade de **"engrandecer ao Senhor e se alegrar no espírito por ter um Salvador pessoal"**. Maria fez isso!

Os papistas sugerem que o Reformador alemão, Martinho Lutero (1483 – 1546), defendeu e ensinou, segundo eles, a doutrina da Imaculada Conceição. Mas vejamos o pensamento e o posicionamento do Reformador sobre esta doutrina.

Em 1527, Lutero pregou um longo sermão sobre a concepção de Maria: – **"Primeiro ele discute a natureza do Pecado Original, depois a adequação do Nascimento Virginal como meio de excluir o Pecado Original na humanidade de seu**

³² "A Igreja Católica, a infalível intérprete da Sagrada Escritura, declara que ela se manteve sem pecado por toda a sua vida devido a um favor especial de Deus" (Bertrand L. Conway, *The Question-Box Answers*, Nova Iorque: Paulist, 1903, p. 377; cf. Concílio de Trento, 4th sess., can. 23).

Filho. Ele então discute a própria concepção de Maria. Seu corpo teve os efeitos do Pecado Original e foi concebido de maneira comum; portanto, neste sentido, podemos dizer que ela tinha Pecado Original. Mas a outra concepção, nomeadamente a infusão da alma [...] acredita-se que ocorreu sem contato com o Pecado Original. Portanto a Virgem Maria está no meio entre Cristo e todos os outros homens [...] pois sua primeira concepção foi sem graça, mas a segunda foi cheia de graça. Assim como os homens são concebidos em pecado tanto no corpo como na alma, e Cristo está livre do pecado – corpo e alma – assim Maria, a Virgem, é concebida segundo o corpo sem graça [pecado original], mas segundo a alma ela é cheia de graça [obra do Espírito Santo]³³.

4 – Hiperdulia – Culto à Maria.

“As Glórias de Maria” é um livro clássico no campo da Mariologia Católica Romana, escrito durante o século XVIII por Santo Afonso de Ligório (1696 – 1787), um Doutor da Igreja de Roma. Vejamos o que esta obra aduz no que se refere à **“Hiperdulia”**.

[1] – Maria é posta num lugar que pertence somente a Cristo.

Afonso de Ligório escreveu que: – **“[...] ela [Maria] é a verdadeira medianeira da paz entre os pecadores e Deus. Pecadores recebem o perdão por [...] Maria somente³⁴”**. E, que: – **“Maria é nossa vida [...] Maria obtêm sua graça para os**

³³ Weimarer Ausgabe, 1883 e seguintes. Edição de Weimar das Obras de Lutero (WA), 17, II, 287 – 289.

³⁴ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 82 – 83.

pecadores por meio de sua intercessão, assim os restaura para a vida³⁵. “É falho e perdido quem não recorre à Maria³⁶”.

Mas, a palavra de Deus diz: – **“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”** (1 Timóteo 2:5). **“Disse-lhe Jesus: – ‘Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim’”** (João 14:6). E, que: – **“Cristo [...] é nossa vida”** (Colossenses 3:4).

[2] – Maria é glorificada acima de Cristo.

Afonso de Ligório escreveu que: – **“A Santa Igreja ordena a peculiar adoração a Maria³⁷”. “Muitas coisas [...] são pedidas a Deus, e não são obtidas; elas são pedidas a Maria, e são obtidas, porque Ela [...] é [Maria] até mesmo Rainha do Inferno, e Senhora Soberana dos Demônios³⁸”.**

Contudo, a palavra de Deus afirma seguramente que é: – **“Em Nome de Jesus Cristo [...]. [porque] em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”** (Atos 3:6; 4:12). **“Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro”** (Efésios 1:21).

[3] – Maria é o portão para o céu, ao invés de Cristo.

Afonso de Ligório escreveu que: – **“Maria é chamada [...] o portão do céu porque ninguém pode adentrar o reino abençoado sem passar por ela³⁹”.** E, que: – **“O caminho da**

³⁵ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 80.

³⁶ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 94.

³⁷ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 130.

³⁸ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 127, 141, 143.

³⁹ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 160.

salvação a ninguém é aberto de outro modo, a não ser por Maria, e mesmo nossa salvação está nas mãos de Maria [...] aquele que é protegido por Maria será salvo, aquele que for [protegido por Maria] não se perderá⁴⁰.

Mas, Jesus Cristo diz: — **“Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á”** (João 10:9). E, disse mais: — **“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”** (João 14:6). A Escritura conclui afirmando que: — **“[...] em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”** (Atos 4:12).

[4] – A Maria é dado o poder de Cristo.

Afonso de Ligório escreveu que: — **“Todo o poder a ti [Maria] é dado no céu e na terra, de forma que ao comando dela todos obedecem – até mesmo Deus e assim Deus pôs toda a Igreja sob o domínio de Maria⁴¹”**. **“Maria é também a Advogada de toda a raça humana, porque, junto a Deus, ela pode realizar o que deseja⁴²”**.

A palavra de Deus não diz que **“a Maria é dado poder no céu e na terra, de forma que ao comando dela todos obedecem”**, pelo contrário, esse poder é dado só a Jesus Cristo: — **“[A Ele é] dado todo o poder no céu e na terra”** (Mateus 28:18). E, que: — **“também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um Nome que é sobre todo o nome; ao Nome de Jesus [não ao nome de Maria] se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor [não que Maria é a senhora],**

⁴⁰ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 169.

⁴¹ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 180 – 181.

⁴² “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 193.

para glória de Deus Pai” (Filipenses 2:9 – 11). “E Ele é a Cabeça do corpo, da Igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Colossenses 1:18).

A Escritura Canônica não diz que **“Maria é a Advogada de toda a raça humana”**, longe disso, o Apóstolo João diz que: – **“[...] se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo. E Ele é a propiciação pelos nossos pecados [não Maria], e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo”** (1 João 2:1, 2).

[5] – Maria é a pacificadora ao invés de Jesus Cristo nossa paz.

Afonso de Ligório escreveu que: – **“Maria é a Pacificadora entre os pecadores e Deus⁴³”**. **“Nós frequentemente obtemos mais rapidamente o que pedimos invocando o nome de Maria do que o Nome de Jesus. Ela é nossa salvação, nossa vida, nossa esperança, nosso conselho, nosso refúgio, nossa ajuda⁴⁴”**.

A palavra de Deus diz que Jesus Cristo **“é a nossa paz”**, não Maria: – **“Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque Ele é a nossa paz”** (Efésios 2:13, 14). **“E naquele dia nada me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu Nome, Ele vo-lo há de dar. Até agora nada pedistes em meu Nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra”** (João 16:23, 24).

⁴³ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 197.

⁴⁴ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 254, 257.

[6] – A Maria é dada a glória que pertence só a Cristo.

Afonso de Ligório escreveu que: – **“A Trindade completa, ó Maria, dá a ti um nome sobre todo o nome, que ao teu nome, todo o joelho deve dobrar-se, dos que estão no céu, na terra, e debaixo da terra⁴⁵”**.

A Escritura Canônica diz que a glória pertence unicamente a Jesus Cristo: – **“Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um Nome que é sobre todo o nome; ao Nome de Jesus [não ao nome de Maria] se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor [não que Maria é a senhora], para glória de Deus Pai”** (Filipenses 2:9, 10).

5 – O Apóstolo Pedro foi o primeiro Papa?

A Igreja de Roma ensina que o papa é o Supremo Cabeça da Igreja sobre a terra, e que o Apóstolo Pedro foi o primeiro papa, e que todos os papas são sucessores diretos de Pedro (Sucessão Apostólica).

Joseph Zacchello (ex-padre), que treinou para o sacerdócio católico-romano na Itália e serviu como padre em Nova Iorque, cuidadosamente demonstrou o que a Escritura Canônica ensina a respeito do Apóstolo Pedro:

[1] – No Concílio de Jerusalém Pedro tomou parte nas discussões, mas foi o Apóstolo Tiago, e não Pedro, que presidiu e depois pronunciou a decisão do Concílio: – “E, havendo-se eles calado, tomou Tiago a palavra, dizendo: – ‘Homens irmãos, ouvi-me: – Por isso julgo que não se deve

⁴⁵ “The Glories of Mary”, do Bispo Alphonse de Ligouri, Brooklyn: Redemptorist Fathers, 1931, p. 260.

perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus” (Atos 15:13, 19).

[2] – O Apóstolo Pedro chama a se mesmo de **“presbítero e não de papa”**: – **“Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles”** (1 Pedro 5:1).

[3] – Os outros Apóstolos não reconheceram Pedro como seu chefe; com efeito, eles o enviaram para pregar em Samaria (não o contrário): – **“Os Apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João”** (Atos 8:14).

Ralph Woodrow, em seu excelente livro **“Babilônia, a Religião dos Mistérios”**, afirma: – **“Não existe qualquer prova, biblicamente falando, de que Pedro até mesmo se aproximou de Roma! O Novo Testamento nos diz que ele foi para Antioquia, Samaria, Jope, Cesaréia e outros lugares”**. E, acrescentaria: – **“menos Roma!”**.

Interessante que tal mito, surgido lá pelos idos do século III, determinava um período de 42 até 67 d.C., justamente quando o Apóstolo Pedro desenvolvia seu ministério em inúmeras cidades. Vejamos a seguir:

Ano 42 d.C. – Herodes Agripa o prendera em Jerusalém com a intenção de matá-lo; solto milagrosamente (Atos 12:2 – 17).

Anos 49 e 50 d.C. – Ainda em Jerusalém. Tinha estado com Paulo, tendo dividido o campo de trabalho para evitar atritos. Pedro exerceria o apostolado entre os judeus e Paulo entre os gentios (Gálatas 2:9, 10).

Ano 52 d.C. – Ainda em Jerusalém. Tomava parte no Concílio, sob a presidência de Tiago (Atos 15:7 – 13). Depois, apareceu em Antioquia, onde Paulo lhe resistiu frontalmente (Gálatas 2:11).

Ano 54 d.C. – O Imperador Claudio (41 – 54 d.C.) expulsou de Roma todos os judeus, porque causavam distúrbios (Atos 18:2). Até o ano 54 d.C., pois, Pedro não podia estar em Roma, porque era judeu, não tendo ouvintes judeus.

Ano 55 d.C. – Mencionado como “evangelista itinerante” (1Coríntios 9:5). Neste período, evangelizou o Ponto, a Galácia, a Capadócia, a Ásia, a Bitínia e Babilônia (1 Pedro 1:1; 5:13).

Ano 57 d.C. – Paulo, na Epístola aos Romanos, saúda, nominalmente, 28 pessoas, mas não fala de Pedro (Romanos 18:1 – 15). Paulo, três dias depois de chegar a Roma, **“convocou os judeus mais notáveis”**, pregando-lhes a salvação em Cristo Jesus. Desconheciam a doutrina que lhes era anunciada (Atos 28:17 – 29).

Anos 61 a 63 d.C. – Paulo esteve preso em Roma por 2 anos, mas nunca Pedro o visitou. Na Segunda Epístola a Timóteo, escrita na prisão, no ano 63 d.C., Paulo queixou-se dos discípulos e amigos que se ausentaram: – **“Só Lucas está comigo”** (2 Timóteo 4:11). Pedro devia estar em Babilônia, de onde escreveu sua Primeira Epístola (1 Pedro 5:13).

Ano 67 d.C. – Pedro escreveu suas epístolas. Não há nenhum sinal de sua presença em Roma.

Assim, entendemos, que a estada de Pedro em Roma, por 25 anos e a qual o catolicismo romano dá foros de verdade, não passa, isto sim, de uma **“lenda escandalosa e pérfida, não havendo provas de seu martírio em Roma”**, conforme nos

relata o ex-padre (ex-locutor do Vaticano), Antônio Gonçalves Pires, em seu livro **“Pode um Católico Salvar-se?”**.

6 – O Apóstolo Paulo não creu que Pedro era o chefe.

[1] – De fato, o Apóstolo Paulo menciona Pedro mais de uma vez, porém, **“ele nunca o menciona com qualquer título especial de honra, tal como vicário, papa ou vigário de Cristo, ou dá qualquer indício de que ele estivesse acima de qualquer dos outros Apóstolos”**.

[2] – Paulo ensinou que aqueles que se prendiam à Pedro (ou a qualquer outro Apóstolo ou pessoa) como um grupo distinto, eram culpados de cisma; Paulo escreveu: – **“Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: – ‘Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo’. Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?”** (1 Coríntios 1:12, 13); porque **“Cristo é a Cabeça do corpo, da Igreja”** (Colossenses 1:18).

[3] – O Apóstolo Paulo não menciona o **“papado”** quando se refere aos oficiais da Igreja (1 Coríntios 12:28; Efésios 4:11).

[4] – Paulo como um Apóstolo reivindicou autoridade sobre a própria Igreja Romana; escreveu ele: – **“Pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes pelo seu Nome, entre as quais sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo”** (Romanos 1:5, 6).

Em outras palavras: – **“Por meio de Cristo, Deus me deu a honra de ser Apóstolo no serviço de Cristo para levar pessoas de todas as nações a crerem em Cristo e a serem obedientes a Ele. Entre essas pessoas estão vocês que moram em Roma, a quem Deus tem chamado para pertencerem a Jesus Cristo”**.

[5] – O Apóstolo Paulo **“em nada foi inferior aos mais excelentes Apóstolos”** (2 Coríntios 12:11, 12).

[6] – O Apóstolo Paulo negou expressamente que o Apóstolo Pedro era o papa e depois afirmou que enquanto Pedro era para os Judeus, ele, Paulo, era para os gentios. Isto certamente **“é incompatível com qualquer idéia de um papa nos dias de Paulo”**; como expôs Paulo aos gálatas: – **“Antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão. Porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios”** (Gálatas 2:7, 8).

[7] – O Apóstolo Paulo reprovou Pedro sem qualquer menção da supremacia de Pedro, **“ele era repreensível moralmente e doutrinariamente”** (Gálatas 2:11)⁴⁶. O Apóstolo Pedro era casado (1 Coríntios 9:5), porque Jesus **“cura a sogra de Pedro”** (Marcos 1:30, 31); **“o que fere a obrigatoriedade do Celibato Eclesiástico”**⁴⁷.

Porque, a lei do celibato obrigatório (de forma que a ordenação sacerdotal se torna um impedimento ao casamento) foi promulgada no Segundo Concílio de Latrão, em 1139, portanto, todo o clero católico latino é obrigado a observar e cumprir o celibato.

⁴⁶ Joseph Zacchello, *Secrets of Romanism*, Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1948, p. 43 – 44.

⁴⁷ C.26.2 – Igreja latina e celibato presbiteral: – [§1579] – “Todos os ministros ordenados da Igreja latina, com exceção dos diáconos permanentes, normalmente são escolhidos entre os homens fiéis que vivem como celibatários e querem guardar o celibato ‘por causa do Reino dos céus’ (Mateus 19:12). Chamados a consagrar-se com indiviso coração ao Senhor e a ‘cuidar das coisas do Senhor’, entregam-se inteiramente a Deus e aos homens. O celibato é um sinal desta nova vida a serviço da qual o ministro da Igreja é consagrado; aceito com coração alegre, ele anuncia de modo radiante o reino de Deus”.

7 – O papa é infalível?

A Igreja de Roma ensina que o papa é infalível quando ele fala sobre assuntos de doutrina (quando fala **“ex cathedra”**)⁴⁸. Ralph Woodrow contestou tal reivindicação examinando muitas afirmações e decisões papais através da história: — **“O fato é que nem em prática nem em doutrina os papas foram infalíveis”**.

[1] – Vejamos algumas das dezenas de contradições dessa doutrina da Infalibilidade Papal.

O papa Honório I, depois de morto, foi denunciado como um herético pelo Sexto Concílio no ano 680 d.C. Papa Leão confirmou sua condenação. **“Ora, se os papas são infalíveis, como pode um condenar o outro?”**.

O papa Virgílio, depois de condenar certos livros, removeu sua condenação, depois os condenou novamente e então retratou sua condenação, e então os condenou de novo. **“Onde está a Infalibilidade Papal aqui?”**.

⁴⁸ A Infalibilidade Papal foi longamente discutida e ensinada como doutrina católica romana, tendo sido declarada um dogma na constituição dogmática “Pastor Aeternus”, sobre o primado e infalibilidade do papa, promulgada pelo Concílio Vaticano I. A constituição foi promulgada na Quarta Sessão do Concílio, em 18 de julho de 1870, pelo papa Pio IX. A parte dispositiva do documento tem o seguinte teor: — “O Romano Pontífice, quando fala ‘ex cathedra’, isto é, quando no exercício de seu ofício de pastor e mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define uma doutrina de fé ou costumes que deve ser sustentada por toda a Igreja, possui, pela assistência divina que lhe foi prometida no bem-aventurado Pedro, aquela infalibilidade da qual o divino Redentor quis que gozasse a sua Igreja na definição da doutrina de fé e costumes. Por isto, ditas definições do Romano Pontífice são em si mesmas, e não pelo consentimento da Igreja, irreformáveis”. Também é definido que: — “O Pontífice Romano, cabeça do colégio dos bispos, goza dessa infalibilidade em virtude de seu ofício, quando, como supremo pastor e professor do toda a fé [...] ele proclama por um ato definitivo uma doutrina pertinente à fé ou à moral” (Catechism of the Catholic Church, Liguori, MO: Liguori Publications, 1994, §891).

O **“duelo”⁴⁹** foi autorizado pelo papa Eugênio III (1145 – 1153). Mas depois o papa Júlio II (1509) e o papa Pio IV (1506) o proibiram. No século onze houve três papas rivais ao mesmo tempo, todos os quais foram depostos pelo Concílio coordenado pelo Imperador Henrique III. Depois no mesmo século, Clemente III foi oposto por Vitor III e posteriormente por Urbano II. **“Como os papas podem ser infalíveis se eles se opõem uns aos outros?”**.

Então, veio o **“Grande Cisma”⁵⁰** (“Grande Cisma do Ocidente” ou “Cisma Papal”), em 1378 a 1417, que durou 39 anos. Os italianos elegeram Urbano VI e os cardeais franceses escolheram Clemente VII. Os papas amaldiçoavam um ao outro ano após ano até que um Concílio depôs a ambos e elegeu a um outro.

O papa Xisto V preparou uma versão da Bíblia que ele declarou como sendo autêntica. Dois anos depois o papa Clemente VIII declarou que **“ela era cheia de erros e ordenou que uma outra fosse feita”**.

O papa Gregório I reputou o título de **“bispo universal”** como sendo **“profano, supersticioso, arrogante, e inventado pelo primeiro apóstata”** (Epístola 5:20 – 7:33). Ainda assim, através dos séculos, outros papas reivindicaram o título. **“Como, então, podemos dizer que os papas são infalíveis definindo doutrina, se eles contradizem diretamente uns aos outros?”**.

⁴⁹ Destinados a resolver questões de honra, os “duelos” se multiplicaram a partir do século XV, dizimando parte da nobreza, o que levou a Igreja Católica a proibi-lo no Concílio de Trento, em 1545, sob pena de excomunhão para seus praticantes.

⁵⁰ O Grande Cisma foi uma crise religiosa da Igreja Católica: – havia um papa, em Roma, e o Antipapa, em Avinhão – ambos reclamando para si o poder sobre a Igreja Católica. Posteriormente, surgiria ainda um outro Antipapa, em Pisa. O Cisma só seria resolvido no Concílio de Constança, em 1417, quando o papado foi definitivamente restabelecido em Roma. Os papas e antipapas do Cisma: – [Em Roma] – Papa Urbano VI (1378 – 1389); Papa Bonifácio IX (1389 – 1404); Papa Inocêncio VII (1404 – 1406); Papa Gregório XII (1406 – 1415). [Em Avinhão]: – Antipapa Clemente VII (1378 – 1394); Antipapa Bento XIII (1394 – 1417). [Em Pisa]: – Antipapa Alexandre V (1409 – 1410); Antipapa João XXIII (1410 – 1417).

O papa Adriano II (867 – 872 d.C.) declarou o casamento civil como sendo válido, mas o papa Pio VII (1800 – 1823) os condenou como inválido.

O papa Eugênio IV (1431 – 1447) condenou Joana D’Arc a ser queimada numa estaca como “bruxa”. Mais tarde, um outro papa, Bento IV, a declarou como sendo uma “santa”. **“É isto que é Infallibilidade Papal?”**.

Como todos os papas podem ser infalíveis quando certo número dos próprios papas condenou tal ensino? Virgílio, Inocente III, Clemente IV, Gregório XI, Adriano IV, e Paulo IV, todos rejeitaram a doutrina da Infallibilidade Papal. **“Pode um papa infalível ser infalível e não saber disto?”**. Que inconsistência!⁵¹

8 – Rejeitamos outras doutrinas romanas.

[1] – O poder e eficácia das **“Indulgências”** para o perdão divino e a **“Simonia”** – compra ou venda ilícita de coisas espirituais (indulgências e sacramentos) ou temporais ligados às espirituais (benefícios eclesiásticos).

[2] – A doutrina romana do Purgatório.

[3] – A doutrina romana do Celibato obrigatório.

[4] – A doutrina romana da Transubstanciação⁵² (a transformação da hóstia [pão] e do vinho no corpo e sangue reais de Cristo). Essa doutrina destrói a humanidade de Cristo,

⁵¹ Ralph Woodrow, *Babylon Mystery Religion*, Riverside, CA, 1966, p. 102 – 103.

⁵² De acordo com a Igreja de Roma, quando o vinho e a hóstia são consagrados por um padre, a substância do pão e do vinho é transformada no corpo e sangue reais de Cristo; esta mudança é chamada transubstanciação. Debaixo do que parece ser pão e vinho estão realmente o corpo e sangue, alma e divindade de Jesus Cristo (Concílio de Trento, 13th sess., can. 1).

logo a União Hipostática (ou Unio Personalis). A Transubstanciação deforma a Pessoa e Obra do Redentor.

[5] – A doutrina romana da justificação (fé e boas obras são a base para a justificação).

[6] – Doutrinas estranhas, como por exemplo, a feitiçaria ensinada no Livro de Tobias (6:8, 9⁵³).

[7] – A doutrina romana das celebrações e intercessões pelos mortos.

[8] – A doutrina romana do culto: – **“a latria”** (adorar a Deus), **“a dulia”** (honrar, venerar os santos) e **“a hiperdulia”** ([à Maria] acima do culto de honra, dos santos, sem atingir o culto de adoração, de Deus).

[9] – E, por fim, todos os tipos de Missa (dominical, Vigília pascal etc.) – o sacrifício da Missa é, para os romanos, o mesmo sacrifício real da Cruz. Segundo a Igreja de Roma, os **“Milagres Eucarísticos”**, como o de Lanciano⁵⁴ e outros, fundamentam a tese do **“sacrifício real incruento do Calvário”** como eficaz e da sacramentologia.

Citando a advertência de Cristo em Mateus 24 sobre os falsos profetas que realizam **“sinais e prodígios, para enganar os escolhidos”**, Lutero disse que os milagres não eram prova da autoridade papal. Ele disse que 2 Tessalonicenses 2:9 havia

⁵³ Apócrifo: – “O anjo respondeu-lhe: – Se puseres um pedaço do coração sobre brasas, a sua fumaça expulsará toda espécie de demônios (mau espírito), tanto do homem como da mulher, e impedirá que ele volte de novo a eles. Quanto ao fel, pode-se fazer com ele um unguento para os olhos que têm uma belida [mancha permanente da córnea devida a traumatismos ou ulcerações], porque ele tem a propriedade de curar”.

⁵⁴ Refere-se à extraordinária transformação de uma hóstia em carne humana e do vinho em sangue humano, durante uma missa. É reconhecido oficialmente como milagre pela Igreja Católica.

predito **“que o Anticristo, pelo poder de Satanás, será poderoso em prodígios mentirosos”**.

Considerações finais.

Calvino, Bullinger, Zanchius, Junius, Gomarus, Mastricht e Marck (et al), definiu a Igreja verdadeira por duas marcas: – **“a pura ministração da Palavra e dos sacramentos”**. Muitos, como as Confissões Gaulesa, Belga e a Primeira Confissão Escocesa, e também Hyperius, Mártir, Ursino, Trelcatius, Walaeus, Amyraldus, Heidegger e Wendelinus, acrescentaram uma terceira marca: – **“o exercício fiel da disciplina ou santidade de vida”⁵⁵**.

Os Reformadores buscaram a marca fundamental da Igreja na palavra de Deus. Isto é, **“sem a palavra de Deus, afinal, não haveria a Igreja”** (Provérbios 29:18; Isaías 8:20; Jeremias 8:9; Oséias 4:6). Jesus Cristo reúne sua Igreja (Mateus 28:19), que é edificada sobre o ensino dos Apóstolos e Profetas, **“por meio da Palavra”** e dos dois únicos sacramentos, Batismo e Ceia (Mateus 16:18; Efésios 2:20). **“Por meio da Palavra”**, Ele a regenera (Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23), **“Por meio da Palavra”** gera a fé (Romanos 10:14; 1 Coríntios 4:15), **“por meio da Palavra”** purifica-a e **“por meio da Palavra”** santifica-a (João 15:3; Efésios 5:26). E aqueles que assim foram regenerados e renovados **“por meio da Palavra”**, são chamados a confessar a Cristo (Mateus 10:32; Romanos 10:9), ouvir sua voz **“pela Palavra”** (João 10:27) e cumpri-la (João 8:31, 32; 14:23), provar os espíritos **“pela Palavra”** (1 João 4:1) e se afastar daqueles que não seguem essa doutrina [**“a Palavra”**] (Gálatas 1:8; Tito 3:10; 2 João 9). **“A Palavra é, verdadeiramente, a alma da Igreja”**, como escreveu João Calvino.

⁵⁵ Citado por Bavinck, p. 316.

Todo ministério na Igreja é um ministério **“da Palavra”**.

“Deus dá sua Palavra à Igreja e a Igreja a aceita, preserva, ministra e ensina; ela a confessa diante de Deus, diante uns dos outros e diante do mundo em palavras e obras”.

Em uma marca da Igreja as outras estão incluídas como aplicações específicas. Onde a palavra de Deus é corretamente pregada, ali também o sacramento é ministrado de forma pura, a verdade de Deus é confessada em harmonia com o intento do Espírito Santo e a conduta dos crentes regenerados é moldada de forma harmoniosa com a vontade de Deus revelada unicamente na Escritura Canônica.

Pelo primeiro relato de Apocalipse 13:1 – 10, alguns entendem **“Roma pagã”**, e pelo segundo, Apocalipse 13:11 – 18, **“Roma papal”**; mas outros entendem que **“Roma papal é representada por ambos os animais [bestas], pelo primeiro relato [referente ao Anticristo] em seu poder secular, pelo segundo relato [referente ao Falso Profeta] em seu poder eclesiástico; por esses poderes depreciam a Cristo, não mais em segredo de iniquidade, mas subvertida a religião por dogmas falsos e espúrios, com superstição, corrompem a adoração a Deus com o propósito de servir seus próprios erros – o clericalismo, o sacramentalismo, o eclesiocentrismo, a santolatria e, especialmente, a mariolatria etc. –, fazendo assim ‘meia profissão’ de Cristo e ferindo deliberadamente e obstinadamente sua causa”**.

Apêndice – Teses Elênticas Sobre a Sagrada Escritura⁵⁶.

Uma vez que os papistas, vendo que seus dogmas não apenas carecem de fundamento nas Escrituras Sagradas, mas também são claramente comprovados como falsos por elas, trabalham acima de tudo para elevar a autoridade e a perfeição de seus dogmas a fim de confirmar suas próprias ficções, é justo que nós, que lutamos sob a bandeira de Cristo para a derrubada do reino do Anticristo e o estabelecimento do reino de Cristo, nos esforcemos para afirmar e vindicar essa palavra de Deus contra seus erros.

1 – Portanto, para que possamos abordar o assunto, afirmamos que os papistas erram gravemente principalmente em relação a três aspectos: – [1] – quanto à autoridade da Sagrada Escritura, [2] – quanto à sua interpretação, [3] – quanto à sua perfeição.

2 – Quanto à sua autoridade, eles professam abertamente que, com respeito a nós (quoad nos), ela depende primariamente do testemunho da Igreja, como se, para nós, a natureza divina e canônica da Escritura Sagrada devesse ser considerada verdadeira somente por causa do testemunho da Igreja. Por Igreja, no entanto, eles não querem que se entenda aquela que se seguiu imediatamente aos tempos dos Apóstolos, mas sua própria Hierarquia Romana, que o Papa constitui com seu clero, e muitas vezes apenas o próprio Papa, que eles consideram como uma espécie de epítome⁵⁷ da Igreja de Roma.

⁵⁶ Franciscus Junius, o Velho (1545 – 1602), “Elenctic Theses on Holy Scripture”, tradução por Plínio Sousa – <https://www.reformedorthodoxy.org/post/3-theses-elenticae-de-scriptura-sacra> – Acessado em 2023.

⁵⁷ Aquele que como agente simboliza a Igreja de Roma, que serve como modelo ideal de verdade para Igreja de Roma – aquele que é o verdadeiro “compêndio da fé” para a Igreja de Roma.

3 – No entanto, deixando de lado a questão de se a Igreja de Roma é a verdadeira Igreja, afirmamos que a autoridade da Sagrada Escritura, mesmo com relação a nós (quoad nos), não depende propriamente do testemunho da Igreja, embora seja verdadeiro, mas sim que o próprio Deus concedeu uma “autoridade divina excepcional” (omni exceptione maiorem) à Escritura, como ele claramente atestou à sua Igreja por discurso, sinais e obras milagrosas, e a sela e confirma privadamente em nossas almas através do testemunho interno de seu Espírito Santo.

4 – Portanto, é certo para nós que essas Escrituras vieram de Deus e são verdadeiramente inspiradas, tanto por sua matéria quanto por sua forma – uma vez que nada além de matéria e forma divinas são encontradas nas Escrituras e em cada um de seus livros canônicos – e também pelo testemunho de Deus por meio do Espírito Santo, que nós mesmos temos se crermos em Cristo Jesus – **“Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu”** (1 João 5:10). Esse Espírito nos ensina todas as coisas (1 João 2:27⁵⁸; João 6:45⁵⁹), abrindo nossos ouvidos para que possamos reconhecer a voz de nosso Pastor e fugir “dos estranhos” (João 10:3 – 5, 27⁶⁰) e nos dando o discernimento pelo qual podemos julgar, cada um de acordo

⁵⁸ “E a unção que vós recebestes dEle, fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nEle permanecereis” (ACF).

⁵⁹ “Está escrito nos Profetas: – E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim” (ACF).

⁶⁰ “A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem” (ACF).

com sua própria compreensão, o divino do humano, o verdadeiro do falso (1 Coríntios 10:15⁶¹; João 7:17⁶²).

5 – Secundariamente a esse testemunho divino, vem a autoridade dos Profetas e Apóstolos (como notários públicos⁶³ de Deus e da Igreja), que testificam com seu próprio selo que tudo o que está contido nessas Escrituras é a própria palavra de Deus. Eles não funcionam como ministros da Igreja simplesmente (*simpliciter*), mas como os instrumentos mais seguros do Espírito Santo, santificados, mesmo desde o ventre, para essa tarefa (Jeremias 1:5⁶⁴). Portanto, seu testemunho deve ser atribuído não à razão humana, mas à autoridade divina.

6 – A autoridade da Igreja vem em terceiro lugar, que desde o início transmitiu esse Cânon à posteridade, afirmando sua certeza e distinguindo os livros genuínos e verdadeiros dos adulterados e espúrios, cumprindo seu dever de preservar o depósito⁶⁵. Pois a Igreja daquele tempo não distinguiu os livros canônicos dos apócrifos somente por sua própria autoridade, mas os reconheceu como divinamente separados e, com fé e prudência, pelas quais ela também se sobressaiu na compreensão dos assuntos sagrados, averbou (fundamentou) sua decisão.

7 – Portanto, não negamos que alguma certeza sobre a Sagrada Escritura nos vem do testemunho da Igreja, mas é

⁶¹ “Falo como a entendidos; julgai vós mesmos o que digo” (ACF).

⁶² “Se alguém quiser fazer a vontade d’Ele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (ACF).

⁶³ Representantes oficiais.

⁶⁴ “Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por Profeta” (ACF).

⁶⁵ A Igreja é a “coluna e baluarte da verdade” porque ambos os vocábulos têm a conotação de prover suporte. O Apóstolo Paulo enfatiza, em oposição aos falsos mestres e falsos ensinamentos, que a verdade do Evangelho de Cristo é encontrada na Igreja de Deus e sustentada pela mesma (2 Timóteo 2:19). Em última análise, a Igreja sustenta a própria fundação dos Profetas e Apóstolos (Efésios 2:20). Deus dá sua Palavra à Igreja e a Igreja a aceita e preserva (depósito sagrado).

meramente uma certeza de um tipo externo e não uma certeza que possa, por si só, nos levar a crer. A autoridade de Deus é primária e formal, enquanto a autoridade da Igreja é subordinada e ministerial.

8 – A Igreja é chamada de “coluna (στῦλος) da verdade” (1 Timóteo 3:15⁶⁶), ou seja, porque a Igreja é como uma coluna na qual Deus desejou pendurar sua vontade (como as leis eram penduradas em colunas públicas), para que essa verdade salvadora pudesse ser exposta e conhecida por um grande número de pessoas.

9 – Ela, a Igreja, também é chamada de “fundamento” (ἑδραῖωμα⁶⁷), isto é, uma sede firme da verdade, porque na Igreja, à semelhança de um trono ou de uma base, ela se assenta, é preservada e protegida das corrupções humanas. Essa é a verdade de Deus. Mas isso não contraria nossa opinião, pois não é a autoridade da Igreja, mas sua função e ministério adequados que são recomendados aqui.

10 – De fato, o Apóstolo afirma que a Igreja é construída sobre o fundamento, isto é, sobre a doutrina dos Profetas e Apóstolos, sendo o próprio Cristo a pedra angular (Efésios 2:20). E João Crisóstomo (c. 347 – 407 d.C.) não hesitou em dizer que a própria verdade é a coluna e o firmamento da Igreja⁶⁸.

11 – Tendo o primeiro erro sido enfraquecido, segue-se o segundo, que consiste na interpretação da Sagrada Escritura.

⁶⁶ “Mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (ACF).

⁶⁷ “Hedraiōma” – a base, que em última análise sustenta o próprio fundamento (usado apenas em 1 Timóteo 3:15).

⁶⁸ “Saberás como proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo: – coluna e sustentáculo da verdade”. Não como o templo judaico. Contém a fé e a pregação, pois a verdade é coluna e sustentáculo da Igreja (Comentário às Cartas de São Paulo, Parte 3, Homília 11, Homílias sobre 1 Timóteo, p. 44).

Entretanto, como há dois tipos de interpretação, “uma de palavras e linguagem” e outra de “assuntos que são expressos por meio de palavras quanto por símbolos”, demonstraremos que os papistas erram em ambas.

12 – Pois eles mesmos (com relação ao primeiro tipo de interpretação) rejeitam as fontes primárias da Sagrada Escritura, a saber, o hebraico para o Antigo Testamento e o grego para o Novo Testamento, desejando que sua própria versão da Vulgata Latina, que eles chamam de “Vulgata”, seja considerada autêntica em leituras públicas, debates e pregações, de modo que ninguém ousaria ou presumiria rejeitá-la sob qualquer pretexto. O que provém, sobretudo, de Deus, em termos de matéria e forma, é mais autêntico do que o que provém da engenhosidade humana, e que a fonte é mais pura do que os riachos que dela fluem.

13 – Portanto, mesmo se fosse permitido que a versão da Vulgata fosse a mais precisa e pura, ela não deveria ser equiparada, e muito menos preferida, ao cânone primário, dado que seus conteúdos e palavras são determinados pelo Espírito Santo e, portanto, são “infalíveis” (ἀναμάρτητος). Como outras traduções diversas que são formadas a partir desse cânone para outros idiomas podem ser avaliadas, corrigidas e alteradas pelo julgamento humano com base na confiabilidade do cânone primário, ao qual atribuímos tudo porque é o protótipo da verdade divina entregue por Deus por meio de seus amanuenses, reconhecemos outras traduções como obras humanas, ou seja, imperfeitas.

14 – No entanto, afirmamos que, a partir dessa interpretação humana (tradução), os homens podem obter o que é suficiente para sua salvação, desde que corresponda à dignidade da fonte autêntica em suas partes essenciais, mesmo que não o faça em alguns pontos menores.

15 – Nem suas afirmações sobre a antiguidade de sua tradução se sustentam, uma vez que ela é superada pelas próprias fontes; nem sua afirmação de sua pureza se sustenta, uma vez que ela é muito corrupta em muitos lugares; nem, finalmente, sua afirmação de que deve haver uma edição autêntica absolutamente incontestável para resolver controvérsias religiosas, de modo que a Igreja possa permanecer firme, se sustenta, pois temos o cânone primário ao qual podemos recorrer com segurança em questões de controvérsia (locis).

16 – Quanto ao decreto do Concílio de Trento, atribuímos muito pouca autoridade a ele, assim como fazemos no caso de todos os concílios que ousam decretar qualquer coisa relativa à fé na Igreja de Deus sem a palavra de Deus.

17 – Um complemento a essa seção anterior diz respeito à proibição pela qual eles negam a leitura da Sagrada Escritura ao povo na língua vernácula⁶⁹, para que eles não percebam quão miseravelmente estão aprisionados no erro por eles. No entanto, no Antigo Testamento, Deus desejava que suas leis e estatutos fossem lidos anualmente em público diante de homens, mulheres, crianças, escravos e até mesmo de estrangeiros (Deuteronômio 31:12⁷⁰; Neemias 8:3⁷¹), e Jesus Cristo nos ordena a examinar as Escrituras Sagradas nas quais consiste “a vida [eterna]” (João 5:39; Deuteronômio 32:47⁷²). O

⁶⁹ Uma língua vernácula (ou vernáculo) contrasta com uma “língua padrão”. Refere-se à língua ou dialeto que normalmente é a língua nativa de seus falantes. Vernáculo é o nome que se dá ao idioma próprio de um país, de uma nação ou região; é a língua nacional. Vernáculo é utilizado sempre para designar o idioma puro, utilizado tanto no falar, como no escrever; sem utilizar palavras de idiomas estrangeiros.

⁷⁰ “Ajunta o povo, os homens e as mulheres, os meninos e os estrangeiros que estão dentro das tuas portas, para que ouçam e aprendam e temam ao Senhor vosso Deus, e tenham cuidado de fazer todas as palavras desta Lei” (ACF).

⁷¹ “E leu no livro diante da praça, que está diante da porta das águas, desde a alva até ao meio-dia, perante homens e mulheres, e os que podiam entender; e os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da Lei” (ACF).

⁷² “Porque esta palavra não vos é vã, antes é a vossa vida; e por esta mesma palavra prolongareis os dias na terra a qual, passando o Jordão, ides a possuir” (ACF).

Apóstolo Paulo também deseja que a palavra de Deus habite ricamente em nossos corações (Colossenses 3:16⁷³), por meio da qual cada um dos fiéis pode resistir à Satanás [adversário] – **“como em companhia de uma espada”** (Efésios 6:17⁷⁴).

18 – Tampouco fazem algo quando dizem que **“a Escritura não deve ser confiada aos iletrados”**, quando é o próprio ensinamento que torna alguém erudito. De fato, de acordo com o próprio Roberto Belarmino (1542 – 1621), sob o Novo Testamento, **“até mesmo os iletrados e as mulheres entendem os mistérios da redenção”**⁷⁵.

19 – Em segundo lugar, eles afirmam que a leitura das Escrituras Sagradas gera heresias, quando isso acontece apenas de uma forma acidental (per accidens⁷⁶). Pois a causa primária que gera as heresias é o vício e a cegueira dos homens com relação às coisas divinas. Entretanto, a vantagem de um bem não deve ser impedida se alguns abusarem do bem, e as Escrituras ensinam isso, e isso é confessado por todos – **“[...] Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo”** (Apocalipse 22:10).

20 – Em terceiro lugar, eles dizem que as Escrituras são obscuras; pelo contrário, elas são muito claras em si mesmas e iluminam os olhos. Se algumas partes parecem obscuras, isso se deve a uma falha ou cegueira de nossa parte, porque compreendemos apenas na medida em que somos

⁷³ “A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração” (ACF).

⁷⁴ “Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (ACF).

⁷⁵ Bellarmino, “De Verbo Dei”, III.ii, Argumentum nona, em De controversiis christianae fidei adversus hujus temporis haereticos; Opera omnia, Neapoli: J. Giuliano, 1:100

⁷⁶ Locução latina aplicada na linguagem filosófica, por oposição a “per se”, às qualidades acidentais das cousas.

iluminados, ou seja, de forma incerta e parcial (1 Coríntios 13:12⁷⁷).

21 – Os papistas erram não apenas na interpretação das palavras, mas também na interpretação dos assuntos, pois afirmam que as controvérsias não podem ser resolvidas a partir das Escrituras Sagradas, a menos que o sentido autêntico dessas Escrituras seja decidido por nós. E somente esse sentido das Escrituras é afirmado como verdadeiro: – **“aquele que o Romano Pontífice entrega em um concílio e aprova por seu próprio julgamento”**.

22 – Nós, porém, afirmamos que todos os dogmas de fé necessários à salvação estão claramente e perspicuamente expostos nas Escrituras Sagradas e podem ser extraídos de passagens cujo sentido é fácil por si mesmo e óbvio para qualquer pessoa, exceto, talvez, para aqueles cujos olhos o príncipe deste século cegou, de modo que não obedecem à verdade (2 Coríntios 4:4⁷⁸).

23 – E embora admitamos que a interpretação das Escrituras Sagradas seja necessária na Igreja de Deus, para que possamos alcançar uma compreensão mais exata dos mistérios que nela nos são expostos, negamos que esse direito pertença somente à Igreja de Roma, mas sim a qualquer verdadeiro Pastor da Igreja, publicamente chamado e instruído, para interpretar as Escrituras Sagradas, não de acordo com seu próprio senso e arbítrio (Neemias 8:9), mas pela própria Escritura, de acordo com a “analogia da fé”, quer passagens fáceis e claras sejam apresentadas para a elucidação de outras mais obscuras, quer a própria passagem

⁷⁷ “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (ACF).

⁷⁸ “Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (ACF).

seja exposta de acordo com suas circunstâncias e a intenção do autor.

24 – Não apenas isso, mas também afirmamos que os crentes individuais, de acordo com sua capacidade e a medida da graça de Cristo, podem interpretar as Escrituras em particular e comparar passagens para investigar a verdade, até mesmo para examinar a interpretação de seu pastor pela “pedra de toque” da Sagrada Escritura (Atos 17:11⁷⁹) como ovelhas de Cristo, discernindo seu alimento a partir do senso comum e do testemunho de fé em si mesmos, de modo que, da mesma forma, eles se rendam à fé em relação à verdade divina, não individualmente à influência da autoridade humana.

25 – Eles proclamam em alto e bom som que a Sagrada Escritura é ambígua, de modo que pode admitir vários sentidos que são repugnantes entre si em instâncias específicas e, portanto, pode ser aduzida (pretextada) pelos próprios hereges para a confirmação de seus erros. No entanto, respondemos que a Escritura Sagrada não é de forma alguma ambígua, mas “os indoutos e inconstantes” inventam novos significados para si mesmos e “torcem” as Escrituras a seu próprio juízo para perdição (2 Pedro 3:16⁸⁰). Não é de surpreender que os hereges abusem das Escrituras Sagradas, uma vez que o próprio Satanás deseja atacá-las, mas podemos e devemos derrotar Satanás com a própria espada da palavra de Deus – a Escritura Sagrada –, da qual Cristo é o Autor, e com as mesmas armas com as quais Ele o derrotou (veja Mateus 4).

⁷⁹ “Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim” (ACF).

⁸⁰ “Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição” (ACF).

26 – Portanto, não é a ambiguidade das Escrituras Sagradas, mas a cegueira ou escuridão maliciosa deles, que é a razão pela qual o Evangelho é para eles **“certamente cheiro de morte para morte”** (cf. 2 Coríntios 2:16), mas, não obstante, **“é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”** (cf. Romanos 1:16).

27 – Tampouco o que eles afirmam é verdadeiro, pois, a menos que haja um juiz supremo cuja interpretação deva ser seguida e que possa obrigar por autoridade, as heresias nunca terão um fim, uma vez que isso nunca acontecerá neste mundo, a saber, que todas as heresias sejam erradicadas (2 Coríntios 11:15⁸¹). Além disso, o Espírito Santo age com santa violência na Escritura (que afirmamos ser o juiz supremo), mas Ele trabalha dentro das consciências, de modo que elas obedecem à verdade reconhecida pela fé, e este é apenas o caso em que Ele opera eficazmente. No entanto, negamos que as consciências possam ser compelidas por força externa a crer, uma vez que a fé não depende da autoridade humana, mas de Deus (Efésios 2:8⁸²), em cujas mãos estão os corações dos homens, e Ele pode incliná-los para onde quiser (Provérbios 21:1⁸³).

28 – Nossos adversários desejam afirmar que o Pontífice deles não apenas sucedeu a Pedro, mas também a Moisés, pelo menos no grau de ofício, de modo que ele próprio possa ser o juiz supremo na Igreja de Deus, assim como Moisés foi entre o povo de Israel. No entanto, respondemos que a vocação de Moisés foi extraordinária e recebida imediatamente de Deus, mas a vocação do Romano Pontífice (se admitirmos isso) é

⁸¹ “Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras” (ACF).

⁸² “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (ACF).

⁸³ “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR, que o inclina a todo o seu querer” (ACF).

mediata e comum. De fato, a vocação de Arão era ordinária, mas legal e típica, não se estendendo aos tempos do Evangelho (Deuteronômio 17:11⁸⁴; veja Números 15). Além disso, tanto Moisés quanto os sumos sacerdotes não julgavam por escolha absoluta, mas de acordo com a Lei de Deus. Quando não havia nenhuma lei ou aviso sobre ela, eles consultavam o próprio Deus, que lhes fornecia as respostas.

29 – Mas negamos tanto que Pedro tenha sido o juiz supremo das controvérsias na Igreja de Deus quanto que o Romano Pontífice tenha sucedido a Pedro nessa questão, uma vez que a Escritura Sagrada não ensina nada disso, nem pode ser provado por qualquer outra fonte.

30 – Mas agora é hora de prosseguirmos para o terceiro ponto, no qual eles, afirmando a imperfeição e (por assim dizer) a insuficiência da Escritura Sagrada, acrescentam não apenas as tradições às quais deram o nome de “palavra não escrita”, sobre as quais falaremos mais tarde, mas também forçam sobre nós como canônicos, os livros que a Igreja sempre chamou de apócrifos (uma vez que foram separados da cripta⁸⁵ sagrada; do tesouro sagrado de Deus) para que pudessem colher algo deles para apoiar seus próprios erros.

31 – Mas esses mesmos livros argumentam suficientemente e testificam que não são inspirados (θεοπνεύσους), uma vez que estão longe daquela perfeição divina de verdade e majestade que brilha nos escritos verdadeiramente inspirados; e muitas coisas neles não são encontradas nem correspondentes às Escrituras Sagradas nem harmônicas entre si.

⁸⁴ “Conforme ao mandado da Lei que te ensinarem, e conforme ao juízo que te disserem, farás; da palavra que te anunciarem te não desviarás, nem para a direita nem para a esquerda” (ACF).

⁸⁵ Servia como cofre para guardar itens importantes e/ou sagrados.

32 – Além disso, eles não eram de linguagem profética, nem escritos no padrão divino, nem dados por autoridade divina e santificados pela Igreja de Deus, nem reconhecidos no cânone hebraico da Igreja judaica, nem citados por Jesus Cristo e pelos Apóstolos, que não extraíram deles nenhum testemunho como de livros verdadeiramente inspirados (θεοπνεύσοις), para demonstrar a verdade de sua própria doutrina.

33 – Os papistas apresentam certos decretos de concílios, mas não concílios nos quais o Espírito de Cristo presidiu, mas sim concílios de homens; seus dogmas foram sancionados, **“não pela palavra de Deus, mas contra a palavra de Deus”**. Portanto, seria necessário provar que esses concílios são verdadeiros; então, também, que todas as coisas que decretaram nesses concílios, legitimamente, devem ser recebidas sem controvérsia e julgamento – o que negamos!

34 – De fato, reconhecemos que os Pais extraíram certas coisas dos referidos livros, mas com o propósito de moldar a moral, não para confirmar a fé; não a partir de escritos canônicos, mas a partir de escritos eclesiásticos. Portanto, esse argumento não contribui em nada para a questão em disputa, uma vez que até mesmo o próprio Apóstolo cita versículos de autores pagãos (Arato em Atos 17:28⁸⁶; Menandro em 1 Coríntios 15:33⁸⁷; cf. Tito 1:12⁸⁸) e, ainda assim, esses livros não são considerados canônicos.

35 – Os Pais às vezes chamam esses livros de sagrados, até mesmo canônicos, mas em um sentido ambíguo e

⁸⁶ “Porque nEle vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: – Pois somos também sua geração” (ACF).

⁸⁷ “Não vos enganeis: – as más conversações corrompem os bons costumes” (ACF).

⁸⁸ “Um deles, seu próprio profeta, disse: – Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos” (ACF). Epimênides de Festus, cerca de 600 d.C., ele foi enviado para purificar Atenas de sua poluição ocasionada por Cylon. Ele foi considerado como um adivinho e profeta. As palavras aqui são tiradas provavelmente do seu tratado “Concernente a Oráculos”.

comparativo quanto a outros escritos humanos, e não em um sentido próprio e unívoco (concordante), como no caso dos livros proféticos e apostólicos. Eles mesmos estão habituados a chamar os livros apócrifos de “protocanônicos” e todos os outros de “deuterocanônicos”, classificando-os em uma posição depois dos livros canônicos como conjunto dos escritos humanos. Concedemos a eles essa posição de bom grado, mas negamos que devam ser recebidos no mesmo grau que os livros canônicos.

36 – Quanto às tradições, no entanto, deve-se observar que aqui estamos lidando com tradições relacionadas à fé e à moral que não têm fundamento nas Escrituras Sagradas, seja diretamente ou por justa implicação. No entanto, os papistas desejam que essas tradições sejam recebidas e honradas por nós com o mesmo grau de piedade e reverência que é dado às coisas que são expressamente ensinadas na palavra de Deus.

37 – Afirmamos que tudo o que devemos crer e fazer para nossa salvação está perfeitamente contido nas Escrituras Sagradas, nas quais Deus nos revelou claramente sua vontade, o que pode nos tornar sábios para a salvação (2 Timóteo 3:15⁸⁹), e além do que os crentes fiéis não devem fazer elucubrações – **“[não devem] ir além do que está escrito”** (cf. 1 Coríntios 4:6). Pois este julgamento permanece: – **“[...] ainda que nós [Apóstolos] mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”** (Gálatas 1:8).

38 – De fato, reconhecemos que os Apóstolos não escreveram tudo, nem o que Jesus Cristo fez e disse (João 20:30⁹⁰) nem o

⁸⁹ “E que desde a tua meninice sabes as Sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (ACF).

⁹⁰ “Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro” (ACF).

que eles mesmos pregaram (pois o mundo inteiro não poderia suportar todos os livros, muito menos contê-los). Entretanto, pela mesma razão, afirmamos que Deus nos apresentou perfeitamente nas Escrituras Sagradas todas as coisas, tanto universais quanto comuns, que Ele revelou, bem como tudo o que é necessário saber para a salvação, particularmente as coisas que dizem respeito à fé e à moral. Quanto à lei geral dos cultos (praxes), assim foi estabelecida pelo Apóstolo Paulo: – para que todas as coisas sejam feitas **“decentemente e com ordem”** (1 Coríntios 14:40).

39 – Portanto, admitimos todas as tradições, sejam elas chamadas Apostólicas ou Eclesiásticas, se concordarem com a Escritura; se discordarem, nós as rejeitamos; e se não concordarem nem discordarem, nós as deixamos como opcionais (liberas). Por exemplo, acreditamos que a Bem-aventurada Maria foi virgem antes de dar à luz, de acordo com a Escritura (Mateus 1:25⁹¹), mas quanto ao fato de ter permanecido virgem depois de dar à luz, não consideramos isso um dogma de fé, mas algo digno de aceitação.

40 – Portanto, os papistas trabalham em vão para provar que a **“palavra não escrita”** tem a mesma autoridade que a “palavra escrita”, uma vez que o autor de ambas é um só. Pois eles devem primeiro provar que tal palavra não escrita existe e que algumas coisas devem ser cridas à parte do que está contido nas Escrituras Sagradas – o que negamos!

41 – Eles dizem que a Igreja não pode errar e, portanto, os estatutos eclesiásticos devem ser aceitos, mas nós negamos que a Igreja não possa errar, pois ela consiste de seres humanos que são apenas **“parcialmente”** regenerados. Além disso, mesmo que concedêssemos que a verdadeira Igreja não

⁹¹ “E não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus” (ACF).

pode errar, ainda assim negamos que ela possa determinar qualquer coisa além do que está contido nas Escrituras Sagradas, pois, assim juntamente com os Apóstolos (dos quais é universalmente confessado que não podiam errar na doutrina), Paulo nega enfaticamente que qualquer coisa possa ser ensinada na Igreja além do que eles receberam de Cristo (Gálatas 1:8, 9⁹²).

42 – Portanto, a Escritura Sagrada é uma regra suficiente para a nossa fé e é a “pedra de toque” (Lydium lapidem⁹³) com a qual todas as coisas devem ser examinadas para que possamos reter o que é bom [para esta vida e a eterna]. Concluimos e afirmamos resolutamente que não é permitido a nenhuma criatura subtrair ou acrescentar algo à Escritura Sagrada (Deuteronômio 4:2⁹⁴; Apocalipse 22:18, 19⁹⁵).

Paz e graça.

Pr. Dr. Plínio Sousa⁹⁶.

⁹² “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anátema” (ACF).

⁹³ A expressão “pedra de toque” se refere ao significado ou sentido de algo, especialmente quando se trata de uma questão essencial ou fundamental. “Credimus, confitemur et docemus unicum regulam et normam secundum quam omnia dogmata omnesque doctores estimari et judicari oporteat nullam omnino aliam esse quam profética et apostolica scripta [...] sola sacra scriptura iudex norma et regula agnoscitur, ad quam ceu ad Lydium lapidem omnia dogmata exigenda et iudicanda” (BKS, p. 767 e 769).

⁹⁴ “Não acrescentareis à Palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando” (ACF).

⁹⁵ “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro” (ACF).

⁹⁶ Autor: – notas, traduções e significações. Fundador, Reitor e Docente do Instituto Reformado Santo Evangelho, Diretor Geral da Editora Reformada Santo Evangelho e Diretor de Jornalismo do Jornal Vereda, onde também exerce o ofício de Jornalista (DRT – 0013576/DF). É membro da 3ª Igreja Presbiteriana de Taguatinga/DF, trabalhando no Ministério da Educação Cristã, na Superintendência, como professor de Escola Bíblica Dominical e como auxiliar no trabalho de Revitalização da Igreja Presbiteriana da QR 429 (Congregação). Atua também como Secretário do Conselho Deliberativo do Colégio Presbiteriano Simonton, sito em Taguatinga/DF, na condição de Associado Eleito. É Presidente da Federação de Homens Presbiterianos do Presbitério do Distrito Federal (FHP-PRDF) e da Confederação Sinodal de Homens Presbiterianos do Sínodo do Planalto (CSHP-SPO). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica de Ciências Humanas e Sociais Logos

(FAETEL), diploma registrado pela Universidade de São Paulo (USP), Bacharel e Mestre em Teologia pela Faculdade e Seminário Teológico Nacional, Master of Theology pela Vox Dei American University (EUA). Pós-graduado em Teologia pela Faculdade Dominius (FAD) e Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Alvorada Paulista (FALP). Licenciando em Pedagogia e Pós-graduando em Gestão de Organizações Educacionais pela Faculdade IMES, Pós-graduando em Filosofia pela Faculdade Prisma e Pós-graduando em Teologia Sistemática pelo Seminário Presbiteriano do Norte (SPN). Doutorando em Teologia pelo Programa do Seminário Teológico Evangélico Bíblico (SETEB) e participante do Doctoral Program of Theology do Northwestern Reformed Theological Seminary (NRTS). Áreas que leciona: – Teologia, Filosofia e Educação.